

ID: 733

A doença de Chagas no estado do Pará: uma análise epidemiológica racial em adultos

Sophia Sotear Pereira Rezende¹, Pedro Paulo Correa Farias e Corrêa¹, Celi Keiko Sardinha Kawamura¹, Poliana Nery de Castro¹, Maria Clara dos Santos Gois¹, Allana Maria Lemos Souza¹, Mateus Silva Ferraz¹, Vinícios Glauber Dos Santos Araújo¹, Arthur Gripp Aita¹, Rossela Damasceno Caldeira¹

¹Faculdade de Medicina Estácio de Castanhal.

Introdução: A doença de Chagas, causada pelo protozoário *Trypanosoma cruzi*, é um grave problema de saúde pública no Brasil, afetando principalmente grupos marginalizados. No estado do Pará, especialmente na Região Norte, essa desigualdade é evidenciada pelos dados epidemiológicos. A distribuição racial da doença está ligada a determinantes sociais da saúde, como acesso precário à infraestrutura sanitária, habitação inadequada e atividades econômicas de risco, como o extrativismo e a agricultura familiar. A transmissão oral, predominante na região, ocorre pelo consumo de alimentos contaminados, como o açaí, produzido e comercializado por populações racializadas em situações de vulnerabilidade socioeconômica. Portanto, analisar a correlação entre raça e incidência da doença no Pará é essencial para embasar políticas públicas que considerem a interseccionalidade entre saúde, território e desigualdade racial. **Objetivo:** Esse estudo visa analisar a correlação entre as notificações de doenças de chagas nos adultos do estado do Pará e a questão racial dentre os anos de 2019 a 2023. **Materiais e Métodos:** É um estudo ecológico, descritivo e transversal, com dados obtidos do Sistema de informações Hospitalar do SUS (SIH/SUS) e do DATASUS. **Resultados e Conclusões:** Os dados analisados indicaram maior ocorrência da infecção entre pardos, revelando a relação entre raça e vulnerabilidade. Nesse viés, a incidência de Doença de Chagas em adultos no estado do Pará apresentou uma tendência de crescimento entre 2019 e 2023. Em 2019, foram registrados 253 casos confirmados, dos quais 213 (84,2%) ocorreram em indivíduos pardos. Em 2020, o total de casos foi de 159, com 144 (90,6%) em pardos. Em 2021, houve um aumento para 250 casos, sendo 213 (85,2%) nessa população. Em 2022, foram contabilizados 317 casos, dos quais 278 (87,7%) em pardos. Em 2023, o número atingiu 449 casos confirmados, com 380 (84,6%) nessa população. Nesse sentido, o predomínio da doença em grupos racializados reverbera padrões estruturais de exclusão e precarização. Pelo modelo de síndrome, essa situação resulta da interação entre determinantes sociais da saúde e carga de doença, exigindo uma abordagem interseccional para seu enfrentamento. Portanto, a alta prevalência da doença de Chagas em grupos racializados evidencia não apenas um problema de saúde pública, mas também uma questão estrutural ligada às desigualdades raciais no Brasil.

Descritores: Doença de Chagas; raça; saúde.



Copyright Rezende et al. Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.